

ORIGEM

DOS NOMES DOS
MUNICÍPIOS ALAGOANOS



Estado de Alagoas

Governador: Paulo Dantas

Vice-Governador: Ronaldo Lessa

Esta obra é de iniciativa do Governo de Alagoas, executada pela
Secretaria de Estado da Comunicação

Pesquisa e Texto: Cármen Lúcia Dantas

Fotos: José Ronaldo e SECOM-AL

Maceió, Fevereiro de 2023

ÍNDICE

IDENTIDADE ALAGOANA	8
NOMES E ORIGENS	10
ÁGUA BRANCA	15
ANADIA	17
ARAPIRACA	19
ATALAIA	21
BARRA DE SANTO ANTÔNIO	25
BARRA DE SÃO MIGUEL	27
BATALHA	29
BELÉM	31
BELO MONTE	33
BOCA DA MATA	35
BRANQUINHA	37
CACIMBINHAS	41
CAJUEIRO	43
CAMPESTRE	45
CAMPO ALEGRE	47
CAMPO GRANDE	49
CANAPI	51
CAPELA	53
CARNEIROS	55
CHÁ PRETA	57
COITÉ DO NÓIA	59
COLÔNIA LEOPOLDINA	61
COQUEIRO SECO	63
CORURIFE	65
CRAÍBAS	67
DELMIRO GOUVEIA	71
DOIS RIACHOS	73
ESTRELA DE ALAGOAS	77
FEIRA GRANDE	81
FELIZ DESERTO	83
FLEXEIRAS	85
GIRAU DO PONCIANO	89
IBATEGUARA	93
IGACI	95
IGREJA NOVA	97

INHAPI	99
JACARÉ DOS HOMENS	103
JACUÍPE	105
JAPARATINGA	107
JARAMATAIA	109
JEQUIÁ DA PRAIA	111
JOAQUIM GOMES	113
JUNDIÁ	115
JUNQUEIRO	117
LAGOA DA CANOA	121
LIMOEIRO DE ANADIA	123
MACEIÓ	127
MAJOR IZIDORO	129
MARAGOGI	131
MARAVILHA	133
MAR VERMELHO	135
MARECHAL DEODORO	137
MARIBONDO	139
MATA GRANDE	141
MATRIZ DO CAMARAGIBE	143
MESSIAS	145
MINADOR DO NEGRÃO	147
MONTEIRÓPOLIS	149
MURICI	151
NOVO LINO	155
OLHO D'ÁGUA DO CASADO	159
OLHO D'ÁGUA DAS FLORES	161
OLHO D'ÁGUA GRANDE	163
OLIVENÇA	165
OURO BRANCO	167
PALESTINA	171
PALMEIRA DOS ÍNDIOS	173
PÃO DE AÇÚCAR	175
PARICONHA	177
PARIPUEIRA	179
PASSO DO CAMARAGIBE	181
PAULO JACINTO	183
PENEDO	185
PIAÇABUÇU	187
PILAR	189

PINDOBA	191
PIRANHAS	193
POÇO DAS TRINCHEIRAS	195
PORTO CALVO	197
PORTO DE PEDRAS	199
PORTO REAL DO COLÉGIO	201
QUEBRANGULO	205
RIO LARGO	209
ROTEIRO	211
SANTA LUZIA DO NORTE	215
SANTANA DO IPANEMA	217
SANTANA DO MUNDAÚ	219
SÃO BRÁS	221
SÃO JOSÉ DA LAJE	223
SÃO JOSÉ DA TAPERA	225
SÃO LUÍS DO QUITUNDE	227
SÃO MIGUEL DOS CAMPOS	229
SÃO MIGUEL DOS MILAGRES	231
SÃO SEBASTIÃO	233
SATUBA	235
SENADOR RUI PALMEIRA	237
TANQUE D'ARCA	241
TAQUARANA	243
TEOTÔNIO VILELA	245
TRAIPU	247
UNIÃO DOS PALMARES	251
VIÇOSA	255
QUEM NASCE EM...	257
ALAGOAS - BREVE HISTÓRICO	263
PALMARES	267
ALAGOAS EM DADOS	271
PESQUISA E TEXTO	275
BIBLIOGRAFIA	277

APRESENTAÇÃO

IDENTIDADE ALAGOANA

Em nosso plano de governo, encontram-se listadas as realizações que garantem as conquistas que estão dando certo, com mais avanço e progresso para nossa terra. Também constam as que não são feitas de cimento e concreto, como as ações que incluem socialmente as pessoas ainda à margem da cidadania.

Faço questão de realçar uma parte fundamental da nossa missão: democratizar oportunidades e garantir acesso ao conhecimento, inclusive em parceria com os municípios. É o caso do Criança Alfabetizada, que visa garantir o processo educacional na idade certa.

Este estudo nasce num momento oportuno, quando a Associação dos Municípios Alagoanos celebra a passagem de seus 42 anos de existência. Desde 16 de fevereiro de 1981, a AMA promove a integração do poder municipal, agregando prefeitas e prefeitos em torno do fortalecimento das cidades.

Sou municipalista convicto e tenho a exata dimensão da importância do trabalho integrado com as demais instâncias de poder, pois exerci dois mandatos consecutivos de prefeito na minha querida cidade de Batalha.

Este documento, resultado de pesquisa da professora Cármen Lúcia Dantas - a quem agradeço pela imensa contribuição à preservação da cultura alagoana -, faz parte do mapa de todos nós. A gente se vê em cada curiosidade revelada, que tão bem compõe a nossa trajetória.

Assim como tantos outros, este acervo histórico vem para somar e prestar inestimável serviço à sociedade, especialmente como fonte permanente de consulta. Estamos tratando de algo inerente à própria identidade alagoana, o que me deixa profundamente orgulhoso.

Paulo Dantas
Governador de Alagoas

NOMES E ORIGENS

Os dados levantados pelo pesquisador Rafael Pereira, do Ipea, com a etimologia de todos os municípios brasileiros, atestam que mais de 30% dos municípios alagoanos possuem nomes indígenas. O principal exemplo está na capital, Maceió, nome originário dos tupis, povos indígenas que habitavam a região litorânea brasileira.

Longe de qualquer pretensão de se constituir num definitivo estudo linguístico e histórico da origem dos nomes que identificam nossos municípios, esta pesquisa da professora Cármen Lúcia Dantas ajuda a traçar nossas próprias origens. Em cada passo que efetuamos na vida, carregamos as emoções e experiências do lugar onde nascemos, cujo nome permanece na certidão de nascimento.

Os nomes revelados tratam, de certa forma, da origem da nossa Alagoas, que “nasceu da morte de milhares de índios Tapuia-Kariri, da morte de milhares de negros de etnias diversas, do trabalho de milhares de homens pobres: índios, negros,

brancos e mulatos”, como escreveu o saudoso professor e escritor Dirceu Lindoso.

A Secretaria de Estado da Comunicação, seguindo uma orientação de governo, oferece à coletividade um conteúdo que engrandece e ajuda a perenizar nossa identidade histórica.

Joaldo Cavalcante

Secretário de Estado da Comunicação



A



ÁGUA BRANCA

O povoado, a princípio pertencente ao município de Mata Grande, era conhecido por Mata Pequena ou Matinha de Água Branca. Situado em região serrana, quando se desvinculou de Mata Grande, em 1919, perdeu o termo Matinha, passando a ser chamado apenas de Água Branca. O nome veio a propósito de uma nascente de água cristalina existente nas proximidades do lugar.



ANADIA

O primeiro nome do povoado foi Campos do Arrozal de Inhauns, que depois se chamou Vila Nova de São João de Anadia. Uma dupla homenagem: a São João e ao ministro do Reino português, visconde de Anadia, em agradecimento por ter ele autorizado a elevação do povoado à condição de vila, o que se deu em 1799. Com o tempo, veio a simplificação do nome para Anadia.



ARAPIRACA

O nome Arapiraca, que designa o lugar, veio da árvore da família das mimosáceas, comum na área onde teve início o povoado, e que, com vasta ramagem, proporciona boa sombra. É palavra de origem indígena: ara (periquito), poya (pousa), aca (ramo), o que quer dizer “árvore em que periquito pousa”. O nome permaneceu e, em 1924, foi oficializado com o município.



ATALAIA

A princípio, Arraial dos Palmares, o local, segundo a tradição, recebeu esse nome por ter servido de atalaia para as forças que, comandadas por Domingos Jorge Velho, destruíram o Quilombo dos Palmares em 1697. Há outra interpretação, segundo a qual a origem do nome está no pedido feito pelos habitantes para que se elevasse o povoado à condição de vila, atribuindo-lhe a denominação de Vila Real de Bragança. O monarca atendeu ao pleito, mas homenageou o Barão de Atalaia, dando seu nome à nova vila.



B



BARRA DE SANTO ANTÔNIO

O município recebeu esse nome pelo fato de o rio Santo Antônio passar pelo meio da cidade, dividindo-a em duas partes bem definidas. De um lado, fica a área urbana e do outro lado, a parte típica, com as suas características litorâneas.



★ DO MAR

BARRA DE SÃO MIGUEL

O nome Barra veio da posição geográfica da área, na foz do rio São Miguel, descoberto em 1501, pela expedição de Américo Vespúcio. No lugar há a entrada estreita do porto que, ainda hoje, é utilizado. O município é um dos pontos turísticos mais importantes do Estado e, no passado, pertenceu ao município de São Miguel dos Campos.



BATALHA

A princípio, o povoado era conhecido como Belo Monte, devido à sua posição geográfica. A origem do nome Batalha está, segundo a tradição, numa luta travada na localidade entre soldados e fanáticos seguidores de um leigo que se dizia frade e pregava uma nova religião. A povoação se desenvolveu nas grandes fazendas da área. Hoje o município está entre os maiores produtores de leite do estado de Alagoas.



BELÉM

O lugar era uma pequena aldeia de remanescentes ucurus e se chamava Canudos, o que se explica pelo fato de os índios e os caboclos usarem o vegetal conhecido por canudo, da família das convolvuláceas, para fazer os seus cachimbos. Só em 1962, com a criação do município, o nome mudou para Belém – por sugestão de religiosos que realizavam uma santa missão no lugar.



BELO MONTE

O povoado se estabeleceu nas proximidades do encontro do rio São Francisco com o rio Ipanema. No início, era conhecido pelo nome de Lagoa Funda, explicado pela existência desse acidente geográfico na localidade. Depois, consagrado pela bela vista serrana, passou à denominação atual de Belo Monte.



BOCA DA MATA

A mata serrada que existia no lugar onde começou o povoado foi o que deu origem ao nome do município. As terras pertenciam ao engenho Santa Rita, onde surgiu o núcleo inicial do povoado. Hoje, o município, apesar dos vastos canaviais, ainda possui uma considerável mata em seu território. É o maior centro de escultura em madeira no estado, formado por um só grupo familiar.



BRANQUINHA

BRANQUINHA

Uma enorme enchente do Rio Mundaú, em 1949, destruiu os dados históricos sobre a origem do município. Sabe-se apenas que o povoamento começou pelos idos de 1870. Situado à margem do rio Mundaú, o lugar foi chamado de Branquinha em razão da água do seu rio, que, aos primeiros desbravadores, parecia muito limpa e cristalina.



C



CACIMBINHAS

O nome do município veio a propósito de uma cacimba pequena que atendia a caçadores vindos de Pernambuco e aos primeiros habitantes do sítio que deu origem ao povoado. A cacimba ficava à sombra de uma frondosa árvore, ponto convidativo para um descanso.



CAJUEIRO

O núcleo de povoamento começou a se formar à sombra de um grande cajueiro, árvore da família das anacardiáceas, que existia à margem do rio Paraíba, no início do século XIX. O nome permaneceu, ao ser oficializado o município.

PRESTURA MUNICIPAL DE CAMPESTRINE



Campestrine para todos



CAMPESTRE

O vasto campo em que o povoado se implantou e cresceu, denominou o município.



CAMPO ALEGRE

O município tem sua origem ligada a uma história de amor entre o cacique Açonan, dos Cariris, e Ana Margarida, filha do rico fazendeiro Antônio de Barros. Raptada pelo cacique, a jovem foi morar na tribo e teve um filho a quem deu o nome do avô materno. Quando se fez homem, Antônio de Barros Neto, adquiriu terras, gado, e deu o nome de Campo Alegre à sua propriedade. Desse núcleo surgiu o povoado.



CAMPO GRANDE

Na vasta planície, ideal para criação de gado e plantações diversas, surgiu o povoado que veio a ser chamado de Campo Grande em razão de sua localização geográfica. O nome teve aceitação e denominou o município nascente, em 1960.



CANAPI

O nome do município veio a propósito do rio de igual denominação que passa em seu território.

O núcleo populacional nasceu na fazenda Cavalo Morto. O nome Canapi é de origem indígena e quer dizer planta e água. Cana (tipo de vegetal) + pí (água).



CAPELA

A capela em louvor a Nossa Senhora da Conceição deu nome ao povoado que, elevado à condição de vila, passou a ser conhecido por Paraíba, devido ao rio de igual nome que passa pela área. A capela não mais existe, mas presume-se ter sido edificada no século XVIII, no início do povoamento. Ao longo de sua história, Capela trocou de nome algumas vezes, chegando, em 1943, a ser chamada de Conceição do Paraíba. Finalmente, em 1949, foi restabelecido o nome de Capela para o município.



CARNEIROS

O nome vem de uma tradição popular de que um carneiro sedento furou, sozinho, uma cacimba para matar a sede. O local passou a ser conhecido por Cacimba do Carneiro, usada pelos lavradores e por todos os que por ali passassem. A propriedade de João Francisco, onde existia a cacimba, passou a ser denominada de sítio Carneiro, dando origem ao povoado. Quando elevado à categoria de cidade e sede do município, o nome passou para Carneiros.



CHÃ PRETA

O povoado começou em uma chapada, na propriedade conhecida por Chã Preta, pelo fato de ser, na ocasião, pertencente a um casal de negros. O nome permaneceu e denominou o município.



COITÉ DO NÓIA

Coité ou cuia é o fruto da cuitezeira ou cuieira (*crescentia cujete*), arbusto comum na região, cujo fruto, aberto ao meio, tem a serventia de cuia para uso doméstico ou como unidade de medida no comércio popular. As primeiras pessoas a se estabelecerem no lugar onde hoje é Coité do Nóia foi a família Nóia, dona das terras onde existiam os cuitezeiros. A comunidade colhia os coités dos Nóia, popularizando-se o termo e titulando o povoado e, depois, o município, oficializado em 1963.



COLÔNIA LEOPOLDINA

Começou o povoado com a instalação da Colônia Militar, em 20/02/1852, que se presume ter sido criada para combater os criminosos que invadiram a área e se refugiaram nas matas de Porto Calvo. A colônia foi extinta em 1867 e não se tem referências sobre a sua atuação. Por ocasião da passagem de Dom Pedro II, em 1860, o lugar passou a se chamar Leopoldina, em homenagem à mãe do monarca. Já cidade, em 1943, o município foi oficializado com o nome de Colônia Leopoldina.



COQUEIRO SECO

Segundo a tradição popular, o nome veio da existência de um coqueiro seco que serviu de ponto de referência, no século XVIII, para o encontro de dois comerciantes portugueses que efetuavam seus negócios. Com o povoado formado, missionários franciscanos mudaram a denominação do lugar para Monte Santo, mas os moradores insistiram na antiga denominação e o município foi oficializado com o nome de Coqueiro Seco.



CORURIBE

O nome veio do termo indígena cururugi, usado pelos caetés para denominar o seu rio. Aliás, a grafia certa da palavra, registrada por Aurélio Buarque de Holanda, é Cururipe, mas o povo preferiu Coruripe. Foi no mar de Coruripe que se deu o episódio trágicohistórico do naufrágio da embarcação que levava dom Péro Fernandes Sardinha para Portugal, quando os sobreviventes foram devorados pelos Caetés. Sempre com o mesmo nome, Coruripe iniciou o povoamento com o extermínio dos Caetés, tornando-se vila em 1866 e sede do município em 1954. É um importante centro de artesanato de palha de ouricuri.



CRAÍBAS

Corruptela de caraíba (carahyba), árvore da família das bignoniáceas encontrada no Nordeste. A princípio, o lugar era conhecido por Craíbas dos Nunes, porque a terra onde o povoado começou pertencia a Manuel Nunes e era uma mata cerrada, repleta de caraíbas. Com o tempo, o lugar ficou conhecido apenas por Craíbas e o nome foi oficializado em 1962, quando o município foi criado.



D



DELMIRO GOUVEIA

A princípio, o povoado se chamava Pedra, por ter sido implantado em terreno muito pedregoso. Depois, a partir de 1903, com a presença marcante de Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, homem que trouxe o desenvolvimento à região com a implantação da primeira hidrelétrica da América, o município passou a se chamar Delmiro Gouveia.



DOIS RIACHOS

A povoação teve início em 1907, quando Miguel Vieira de Novaes desbravara a terra. Como o lugar tem dois riachos próximos, passou a ser conhecido por Dois Riachos, nome que permaneceu e titulóu o município.



E



HOMENAGEM DO POVO
BIRABONGENSE À DA
PREFEITURA MUNICIPAL
A TAVIA E A BRIGADA DA
MULHER BIRABONGENSE

ESTRELA DE ALAGOAS

No começo do povoamento, o lugar era conhecido por Bola, devido à presença em suas matas, do tatu-bola, mamífero de pequeno porte, da família dos dasipodídeos. Com a prosperidade do lugar, o padre Ludogero, vigário de Palmeira dos Índios, sugeriu a mudança de nome para Estrela de Alagoas, justificando ser o lugar “uma estrela brilhante no céu de alagoas”. O povo aceitou a sugestão e, em 1992, o município foi oficializado com o nome de Estrela de Alagoas.



F



FEIRA GRANDE

O lugar, a princípio, chamava-se Mocambo, o que se explica por ter surgido de um aglomerado de negros fugitivos, sobretudo de Penedo. Com o passar do tempo, o povoado foi perdendo a sua característica inicial e a população foi crescendo e se destacando pelo movimento de sua feira pública. Tão expressivo foi esse movimento que o município, criado em 1954, conservou o nome de Feira Grande, como já era conhecido quando era vila.



FELIZ DESERTO

Diz a tradição oral que um náufrago holandês encontrou, à sombra de um cajueiro, uma imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Era um lugar ermo, mas o holandês, feliz por ter se salvado e encontrado a imagem, ali se fixou e denominou a área de Feliz Deserto.



FLEXEIRAS

No início o povoado era denominado de Flecheiras em razão da abundância, em sua área, do vegetal conhecido por flecha, da família das alismatáceas. Depois se popularizou com a grafia Flexeiras - com “ x” em lugar de “ch” - e assim foi oficializado o município.



G



GIRAU DO PONCIANO

Dos três primeiros posseiros das terras, do hoje município de Girau do Ponciano, só um, com o nome de Ponciano, se estabeleceu no local. Como era bom caçador, armou um jirau que era utilizado no preparo de suas caças. O nome fixou-se e, em 1959, quando o povoado se tornou município, foi conservada a denominação. O curioso é que Girau foi oficializado com a grafia errada.



I



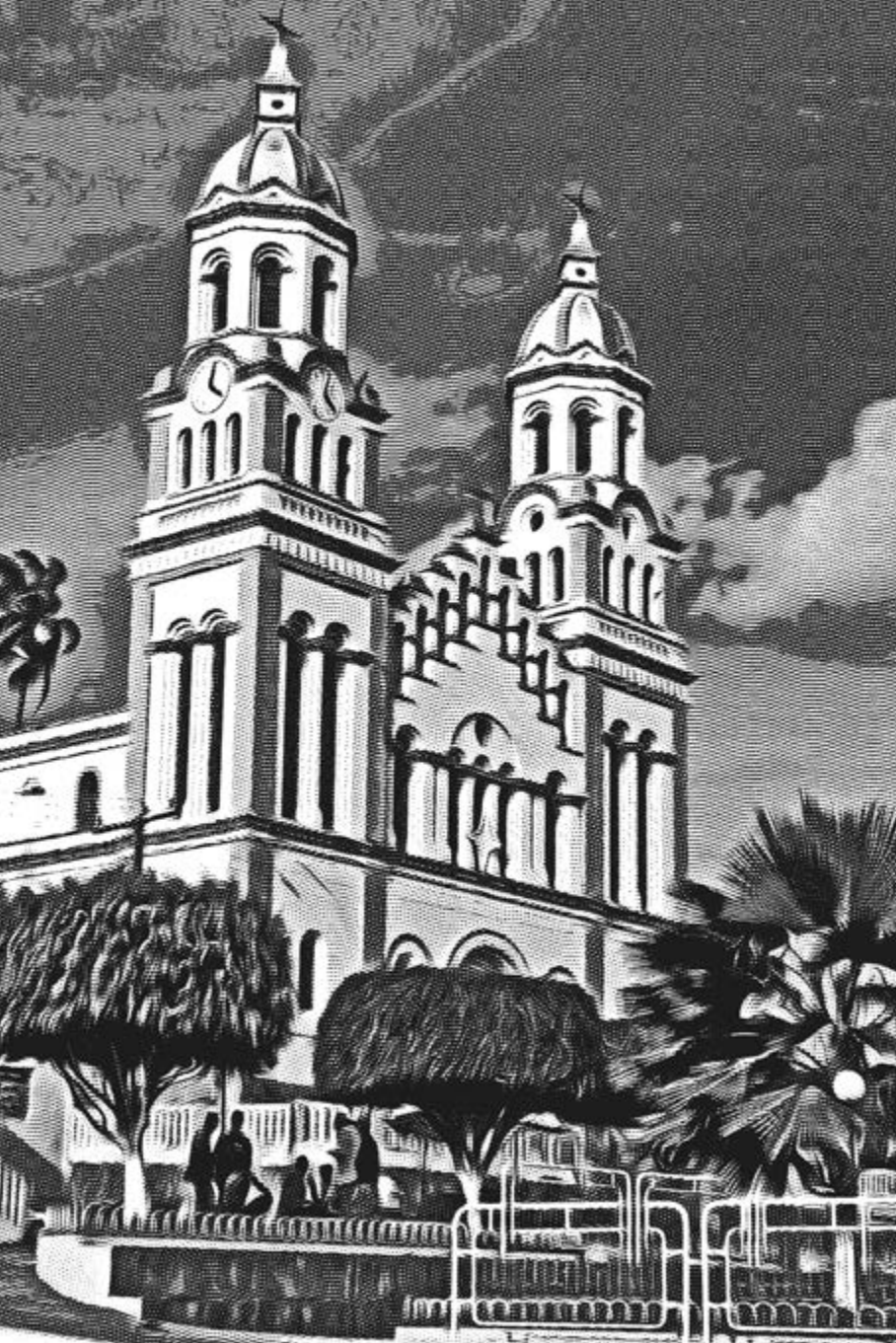
IBATEGUARA

A palavra Ibatiguara é de origem indígena e significa lugar alto. O povoado recebeu esse nome por estar localizado em uma elevação de terra. O nome foi preservado, quando se tornou município.



IGACI

O povoado era conhecido como Olho d'Água do Acioli, por causa das fontes naturais da fazenda que pertencia ao português João de Lima Acioli, onde se deu o início do povoamento da área. Com a elevação à categoria de vila, em 1940, passou à denominação de Igaci, que, entre os índios, queria dizer olho-d'água. Em 1959, o município foi criado e o nome Igaci tornou-se oficial.



IGREJA NOVA

Começou o povoamento, no século XIX, com pescadores de Penedo que se instalaram às margens da Lagoa Boacica. A princípio, o local era conhecido pelo nome de Ponta das Pedras, em razão da grande quantidade de pedras existente em seu ponto de desembarque. Também se chamou Oitizeiro, em alusão à presença de uma frondosa árvore dessa espécie no meio do povoado. Na condição de vila, a região passou a ser conhecida como Trinfo em razão do seu rápido desenvolvimento. Em 1892 foi elevada à categoria de cidade. A denominação de Igreja Nova lhe foi dada devido à construção de um grande e belo templo, concluído em 1907, com o empenho de seus habitantes.



INHAPI

A área é rica em grandes pedras e muitas delas retêm a água da chuva em suas cavidades. Daí o nome Inhapi, de origem indígena, que quer dizer água na pedra. 'Inha' é pedra e 'pi' é água. A denominação foi oficializada em 1962, quando se deu a elevação da localidade à condição de município.



J



JACARÉ DOS HOMENS

O nome foi dado ao lugar em razão do aparecimento de um enorme jacaré num riacho próximo ao povoado. O acréscimo ‘dos Homens’ tem o sentido de pessoas honestas, homens de palavra, que pagavam seus compromissos no dia certo e veio do crédito de que gozavam os moradores do local no comércio de Penedo. A criação do município, em 1957, oficializou o nome.



JACUÍPE

O nome do povoado, depois município, é o mesmo do rio que banha o lugar. A origem é indígena – jacuhy - e denomina uma ave da família dos cracídeos.



JAPARATINGA

A princípio, o povoado se chamava Japaratus da Praia. Japaratus vem do tupi ‘yapara-tyba’, que quer dizer “sítio dos arcos”, local onde os índios produziam muitos arcos e flechas. Em 1960, quando se tornou município, o povoado passou a se chamar Japaratinga.



JARAMATAIA

O lugar recebeu esse nome em virtude da grande quantidade de árvores homônimas em suas terras. Jaramataia é um vegetal da família das leguminosas. O nome foi consagrado pela população.



JEQUIÁ DA PRAIA

Município banhado pela lagoa Jequiá, formada pelo rio de igual nome, tem sua toponímia de origem tupi, *jy-q-ya* que, segundo o professor Douglas Apratto, quer dizer cesto grande de peixes.

O município foi criado em 1995, desmembrando-se de São Miguel dos Campos.



JOAQUIM GOMES

O primitivo nome do lugar, Urucu, foi dado pelos índios urupês. Urucu é o nome de um arbusto, também conhecido como açafraão, cujas sementes são usadas na tinturaria e das quais se faz o colorau. Com a colonização, a vila teve franco desenvolvimento graças, sobretudo, ao fazendeiro Joaquim Gomes da Silva Rego. Em homenagem ao seu benfeitor, passou a se chamar Joaquim Gomes, nome oficializado por ocasião de sua elevação à condição de município.



JUNDIÁ

O lugar recebeu esse nome em razão da grande quantidade do peixe jundiá, no rio Manguaba, que banha suas terras.



JUNQUEIRO

O nome Junqueiro veio da grande quantidade de junco existente no lugar. O junco é um vegetal delgado, da família das juncáceas, muito usado no artesanato para confecção de objetos utilitários. Com a prática da atividade, os artesãos se referiam à área do junco como o Junqueiro. O nome se popularizou e, em 1954, denominou o município. O termo nada tem que ver com o sentido da palavra “Junqueiro” registrada por Aurélio Buarque de Holanda. Seu sentido equivale, no entanto, ao de “junqueira” ou “juncal”, ambos, termos consignados pelo mesmo dicionarista.



L



LAGOA DA CANOA

O nome foi dado em razão de a comunidade, a princípio, ter-se instalado em torno de uma lagoa que servia tanto para pescar como para fertilizar a lavoura no seu entorno. Pertencia ao município de Arapiraca, mas, por ocasião da emancipação, em 1962, conservou a denominação popular. É a terra natal do instrumentista Hermeto Pascoal.



LIMOEIRO DE ANADIA

Os desbravadores da área do município costumavam descansar à sombra dos frondosos limoeiros ali existentes. Como o povoado pertenceu ao município de Anadia, consagrou-se com o nome de Limoeiro de Anadia. Mesmo depois, quando passou a município, conservou a denominação.



M



MACEIÓ

O nome está ligado ao étimo tupi ‘maçayó’ ou maçai-o-k, que significa “aquilo que tapa o alagadiço”. O nome do lugar se mantém até hoje na cidade que, em 1839, foi elevada à condição de capital de Alagoas. A povoação surgiu de um reduto de pescadores e de um entreposto de mercadorias. Este, logo se desenvolveu graças à situação privilegiada do porto de Jaraguá. Pensava-se, até pouco tempo atrás, que Maceió tivesse nascido de um engenho de igual nome, instalado nas imediações da Praça da Catedral. O historiador Moacir Medeiros de Sant’Ana provou que o povoamento teve início na beira da praia. É a terra natal do marechal Floriano Peixoto, segundo presidente do Brasil. É também local de nascimento da médica psiquiatra Nise da Silveira e do jurista Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda.



MAJOR IZIDORO

O nome foi dado à cidade em homenagem ao grande empreendedor do lugar, Izidoro Jerônimo da Rocha, dono da propriedade Sertãozinho, herdada de seu pai, e que deu origem ao município. Amado pela comunidade, era conhecido como o “patriarca do Sertãozinho”. Quando, em 1949, a vila do Sertãozinho foi elevada à condição de cidade, homenageou-se o seu benfeitor, então já falecido.



MARAGOGI

Gamela foi o primeiro nome do povoado, que depois se chamou Vila de Isabel e, finalmente, Maragogi, por influência do nome do rio que passa na localidade. O nome Maragogi é de origem tupi - merú-gui-i - que quer dizer “rio dos mosquitos”. O nome foi oficializado em 1892, quando a vila adquiriu o status de cidade.



MARAVILHA

A princípio, o lugar era conhecido como Cova dos Defuntos. A razão disso era o fato de, no século XIX, ter sido aberta, em suas terras, uma grande vala que serviu de cova coletiva para as vítimas da epidemia de cólera que assolou a região. Tempos depois, conforme diz a tradição, passou pelo povoado um padre, que, encantado com a beleza e o clima do lugar, exclamou: “Este lugar ainda será uma maravilha!...”. As palavras do religioso caíram no agrado da população e, de tanto serem repetidas com orgulho, o município foi oficializado com o nome de Maravilha.



MAR VERMELHO

Começou por um aglomerado em torno de uma lagoa que tinha em sua margem muitos pés de gravatá, que, no outono, soltavam suas folhas vermelhas sobre as águas. As pessoas do lugar logo passaram a chamar a lagoa de “mar vermelho”. O nome pegou e, após a transição de povoado à condição de cidade, a denominação foi mantida. Finalmente, em 1962, o município foi criado com o nome de Mar Vermelho.



MARECHAL DEODORO

O nome do município é uma homenagem ao seu filho ilustre, primeiro presidente do Brasil, marechal Deodoro da Fonseca. Sabe-se que é um dos três primeiros núcleos de povoamento do estado, embora não se conheça a data exata de seu início. É provável ter-se chamado, a princípio, Madalena, em seguida, vila de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, depois, Alagoas e, finalmente, Marechal Deodoro da Fonseca. Foi a primeira capital da Capitania e da Província em período que se estendeu de 1817 a 1839. Além do marechal Deodoro da Fonseca, nasceram lá o político Aureliano Cândido Tavares Bastos e o artista plástico Rosalvo Ribeiro.



1939

P X

MARIBONDO

No início, o núcleo povoado era conhecido como Poço da Caatinga, por causa da água cristalina que se acumulava por entre os ingazeiros e as canafístulas que dominavam a paisagem. Como se formou uma enorme casa de maribondo em uma dessas árvores e as terríveis vespas já eram conhecidas nas redondezas, pelos ataques às pessoas que passavam por perto, o nome Maribondo se popularizou e, em 1962, quando o município foi oficializado, fixou-se definitivamente.



MATA GRANDE

O nome do município veio a propósito de ter, a povoação, se iniciado ao lado da serra do mesmo nome, coberta pelo verde da vegetação cerrada. É uma das cidades mais altas do estado.



MATRIZ DO CAMARAGIBE

O povoado teve início no Alto do Outeiro, hoje Alto da Igreja Velha, com o nome de Camaragibe devido ao rio que banha o lugar. Em razão de ter se desenvolvido em torno da igreja, passou a ser conhecido como Matriz de Camaragibe. O município foi oficializado em 1959.



MESSIAS

A princípio Curralinho, o povoado, em 1947, passou a se chamar Messias, em homenagem ao Salvador, filho adotivo de José de Nazaré, o carpinteiro, fato explicado por haver no lugar muitos homens com essa profissão. O nome foi oficializado em 1962, quando Messias passou a ser município.



MINADOR DO NEGRÃO

O nome do povoado veio do costume cultivado pelos moradores da propriedade de Félix de Souza Negrão, de denominar o lugar de Minador do Negrão, motivado pelo fato de lá existir uma nascente, conhecida também como “minador”, que abastecia a todos os moradores com a sua água cristalina. Em 1962, o município foi oficializado com o nome de Minador do Negrão.



HORIZON
↑
2 Km

MONTEIRÓPOLIS

Primeiramente, a vila se chamou Guaribas, mas, por ocasião da criação do município, em 1960, prestou-se uma homenagem a José Domingos Monteiro, proprietário de terras e benfeitor do lugar. Assim, o município passou a ter o nome de Monteirópolis.



MURICI

Existia no local onde o município se desenvolveu, um enorme muricizeiro que, segundo a lenda, fora plantado por um monge nos idos de 1810. Essa frondosa árvore, da família das malpighiáceas, oferecia boa sombra aos que passavam pela região. Ciganos, viajantes e almocreves ali paravam para descansar e aproveitavam para mostrar suas mercadorias e conversar. Aos poucos, as pessoas foram se fixando no local e daí surgiu o povoado, já chamado de Murici, nome que permaneceu quando, em 1892, foi elevado à condição de cidade.



N



NOVO LINO

O nome veio do sítio Lino, núcleo inicial do povoado. A terra do sítio fora doada por D. Pedro II ao alferes Manuel Baraúna, como prêmio pela sua atuação na Guerra do Paraguai. O nome foi oficializado em 1963, por ocasião da criação do município.



O



OLHO D'ÁGUA DO CASADO

Por ocasião da instalação da estrada de ferro, os operários fizeram um acampamento em local próximo às nascentes que jorravam das diversas serras do entorno. O aglomerado foi aumentando, os operários foram embora, mas o povoado ficou implantado e o nome permaneceu, quando, em 1962, foi oficializado o município.



OLHO D'ÁGUA DAS FLORES

Começou o povoado ao lado de um olho-d'água, onde, por volta de 1800, o padre Antônio Duarte se fixara para o trabalho da catequese. Como próximo, havia uma árvore (provavelmente um pau-d'arco) que soltava suas flores em determinada época do ano, cobrindo a fonte de pétalas e formando uma espécie de tapete colorido sobre a água, o povo passou a denominar o lugar de Olho d'Água das Flores. O nome permaneceu, quando, em 1953, foi oficializado o município.



OLHO D'ÁGUA GRANDE

O nome de Olho d'Água Grande foi dado ao município em razão da existência, na área, de fontes de água mineral, também conhecidas por olhos-d'água. A princípio, antes de se tornar município, em 1962, era conhecido por Olho d'Água da Abóbora.



OLIVENÇA

A princípio conhecida por Capim, pela abundância desse vegetal na área, passou a se chamar Olivença quando foi elevada à condição de Município, em 1960, em alusão ao sobrenome da família Oliveira Viana, benfeitora do lugar.



OURO BRANCO

Chamado de Olho d'Água do Chicão, o lugar conservou esse nome até a chegada do novo morador, Antônio Jiló dos Campos, que, impressionado com a imensa plantação de algodão que esbranquiçava os campos, achou por bem batizar a vila de Ouro Branco. O nome caiu no agrado popular e foi oficializado em 1962, quando a localidade foi elevada à condição de município.



P



PALESTINA

Primeiramente conhecido como Retiro, o lugar passou a se chamar Palestina devido à convicção religiosa de sua ex-prefeita Anabela Paiva. A mudança do nome ocorreu em 1962, com a oficialização do município.



PALMEIRA DOS ÍNDIOS

As terras do município pertenciam aos índios Cariris e ucurus e as palmeiras se destacavam no meio da vegetação. Os índios foram sendo dominados pelos brancos até que, em 1835, o povoado foi elevado à condição de vila e, mais tarde, em 1889, tornou-se cidade, sempre conservando o nome original de Palmeira dos Índios.



PÃO DE AÇÚCAR

A princípio, o lugar se chamava Jaciobá, que, em guarani, quer dizer “espelho da lua”. A área pertencia aos Urumaris, que a perderam para os ocós em combate. O nome Pão de Açúcar foi dado, devido à semelhança do morro do Cavalete com o famoso Pão de Açúcar, do Rio de Janeiro. Para aumentar a identificação, em 1950 foi colocada no cimo do morro, uma escultura do Cristo Redentor, da lavra do artista local João Lisboa. Como se não bastassem esses pontos em comum, do outro lado do rio, fronteiro a Pão de Açúcar, está o município de Niterói, no estado de Sergipe.



PARICONHA

O povoado era chamado, desde o início, de Par de Conhas, nome depois simplificado para Pariconha. Segundo a tradição, o nome vem de um frondoso ouricuzeiro, cuja fruta tem polpa que lembra duas conhas geminadas. Na linguagem popular, dizia-se “par de conhas” ou “parir conhas”. O certo é que, em 1989, o município oficializou o nome Pariconha.



PARIPUEIRA

A versão corrente do significado da palavra Paripueira, de origem indígena, é “praia de águas mansas”, mas pesquisas recentes de Dirceu Lindoso levam a outra versão. Segundo o historiador, na língua tupi, ‘pari’ significa tapagem e ‘cuera’ ou ‘uera’ quer dizer algo que não mais existe. Assim, o significado de Paripueira vem a ser tapagem destruída. O município foi criado em 1990.



PASSO DO CAMARAGIBE

O povoado, situado à margem direita do rio de igual nome, segundo alguns, passou a ser conhecido por Passo de Camaragibe pelo fato de ser, na altura de sua área, o melhor ponto de passagem que o rio oferecia para a comunicação entre Alagoas e Pernambuco. Para outros, porém, o nome vem de “passo”, depósito litorâneo para guardar mercadorias e até escravos a serem comercializados. O município foi constituído em 1852. É a terra natal do dicionarista Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.



PAULO JACINTO

Lourenço de Cima foi a primeira denominação do povoado, que se explica por ter surgido na parte alta da propriedade do fazendeiro Lourenço Veiga. Passou a se chamar Paulo Jacinto por indicação da companhia ferroviária, que se instalava na região, para homenagear o rico cidadão Paulo Jacinto Tenório, que doou uma extensa área para a implantação dos serviços da estrada de ferro. O município foi constituído em 1953.



PENEDO

A princípio, era o povoado e depois a vila de São Francisco. Em seguida, passou a ser a vila do Penedo do Rio São Francisco e, mais tarde, simplesmente Penedo, nome oficializado em 1842 com a sua elevação à condição de cidade. Penedo quer dizer “pedra”, “rocha”, e a cidade começou a ser povoada sobre o grande rochedo à margem esquerda do Rio São Francisco, em excelente posição geográfica, favorável à defesa da terra. Com origem no século XVI, a cidade de Penedo é o maior centro de arte barroca e neoclássica do estado de Alagoas, tendo sido tombada pelo Iphan em 1995.



PIAÇABUÇU

O nome Piaçabuçu se mantém desde a origem do povoado. Piaçava ou piaçaba é palavra vinda do tupi-guarani e denomina as palmeiras (*Attalea funifera* e *Leopoldinia piassaba*) que produzem fibras usadas no artesanato de vassouras. Já o termo ‘guaçu’ ou ‘açú’, também do tupi-guarani, quer dizer “grande”. Assim, tornou-se Piaçabuçu, em razão da abundância dessa espécie vegetal em sua paisagem. Nesse município, o São Francisco deságua no mar.



PILAR

É lendária a origem do nome do município. Conta a lenda que uma imagem de Nossa Senhora foi encontrada em um pilar, no meio do mato. A imagem foi levada para dentro da capela, mas, milagrosamente, voltara a ser encontrada no mesmo pilar. O fato repetiu-se algumas vezes. Assim, a população, estarecida, entendeu que o povoado, a princípio formado em torno de um engenho de açúcar, próximo do local, deveria fixar-se onde se encontrava o pilar. A insistência da imagem em lá permanecer foi interpretada pelo povo como um aviso divino. Em 1944, o nome do município foi mudado para Manguaba em razão da lagoa de igual nome que banha suas terras. A denominação primitiva de Pilar voltou em 1949, consagrada pelo povo. Essa é a terra natal do médico e antropólogo Arthur Ramos.



PINDOBA

O nome primitivo do povoado era Pindoba Grande, explicado pela presença da palmeira pindoba em seus campos. Hoje não mais existe essa vegetação na área, mas o nome permaneceu e, em 1959, com a criação do município, tornou-se oficial.



PIRANHAS

No século XVIII, o povoado era conhecido como Tapera, que quer dizer “aldeia”. Depois, passou a ser conhecido como Piranhas. Corre a lenda de que, num riacho, hoje chamado riacho das Piranhas, um homem pescou uma enorme piranha e, quando chegou a sua casa, deu pela falta da peixeira que havia deixado na beira do riacho. Voltou-se para o filho e disse com o tom de mando: “Vá ao riacho da piranha e traga minha peixeira!”. De riacho da piranha para Piranhas, como nome do lugar, foi só uma questão de tempo. Piranhas foi tombada pelo Iphan em 2004.



POÇO DAS TRINCHEIRAS

O nome do lugar foi dado devido à presença de um poço, próximo ao rio Ipanema, que banha o local. No entorno do poço foram levantadas trincheiras de pedras para a defesa do povoado, caso houvesse ataque holandês, ainda na época em que os holandeses, sendo expulsos de Pernambuco, dispersaram-se também pelo interior. O nome permaneceu e foi oficializado, em 1959.



PORTO CALVO

A origem do nome é antiga e lendária. Conta-se que, à margem do rio Manguaba, no local onde hoje é Porto Calvo, existia, na propriedade de um velho calvo, um porto que, embora modesto, bem servia aos navegadores. Esse ancoradouro passou a ser conhecido como o porto do calvo. O nome se popularizou e denominou o lugar. Por algum tempo, o povoado recebeu a denominação de Bom Sucesso em homenagem à vitória de Mathias de Albuquerque sobre os holandeses. Também se chamou Santo Antônio dos Quatro Rios, mas foi oficializado como Porto Calvo em 1889, quando elevado à condição de cidade. É a terra natal de Domingos Fernandes Calabar, o cidadão que, vivendo na colônia portuguesa, optou pelo regime holandês.



PORTO DE PEDRAS

O povoado se chamava, a princípio, Porto Real ou Águas Belas. Depois, em razão de ficar entre o mar e uma encosta de pedras que servia de ancoradouro, recebeu o nome de Porto de Pedras. A missão franciscana de catequese muito contribuiu na sua formação inicial. Foi elevado à condição de cidade em 1921.



PORTO REAL DO COLÉGIO

Bandeirantes e padres jesuítas foram os primeiros a estabelecerem o marco de povoamento na área. A princípio, o povoado chamou-se apenas Colégio, o que se deve ao fato de terem, os jesuítas, levantado ao lado de uma capela, um colégio para difundir a educação e o cristianismo entre os gentios. Depois, chamou-se Colégio do Porto Real, nome que lhe foi atribuído em razão da visita de Dom Pedro II em 1859. Há, entretanto, quem ache que a denominação Real se deve ao nome do colégio dos jesuítas. Finalmente, ficou Porto Real do Colégio.



Q



QUEBRANGULO

O lugar foi, a princípio, reduto de negros fugitivos que se misturaram com os índios das aldeias próximas, espalhando suas línguas e seus costumes. Daí veio o nome Quebrangulo, que quer dizer, segundo alguns, “matador de porcos”. Os negros eram distinguidos na comunidade pelas suas habilidades de caçador de caititus, principal alimento do grupo. Outros acham que “Quebrangulo” era a denominação do chefe do quilombo, enquanto outros ainda afirmam que quer dizer “ajuntamento”, “confederação”. O certo é que o nome foi consagrado pelo gosto do povo e oficializado em 1928. Em Quebrangulo, em 27 de outubro de 1892, nasceu o escritor Graciliano Ramos.



R



RIO LARGO

O nome do município é proveniente do nome do engenho Rio Largo, que deu origem ao povoado.

O engenho, por sua vez, recebeu esse nome porque, na altura de suas terras, o rio Mundaú passava mais largo. No final do século XIX, desenvolveu-se, com as instalações de suas fábricas têxteis. Foi elevado à categoria de cidade em 1915.



ROTEIRO

O nome do lugar está ligado ao episódio do naufrágio da embarcação de dom Péro Fernandes Sardinha. Contam que alguns jesuítas, a caminho pela mata, encontraram o roteiro do bispo pouco antes de ele ter sido devorado pelos caetés, nas terras de Coruripe. Em alusão a essa busca, o município foi chamado de Roteiro, nome oficializado em 1966. Hoje os historiadores levantam a hipótese de que todos os passageiros da nau portuguesa tenham morrido no naufrágio.



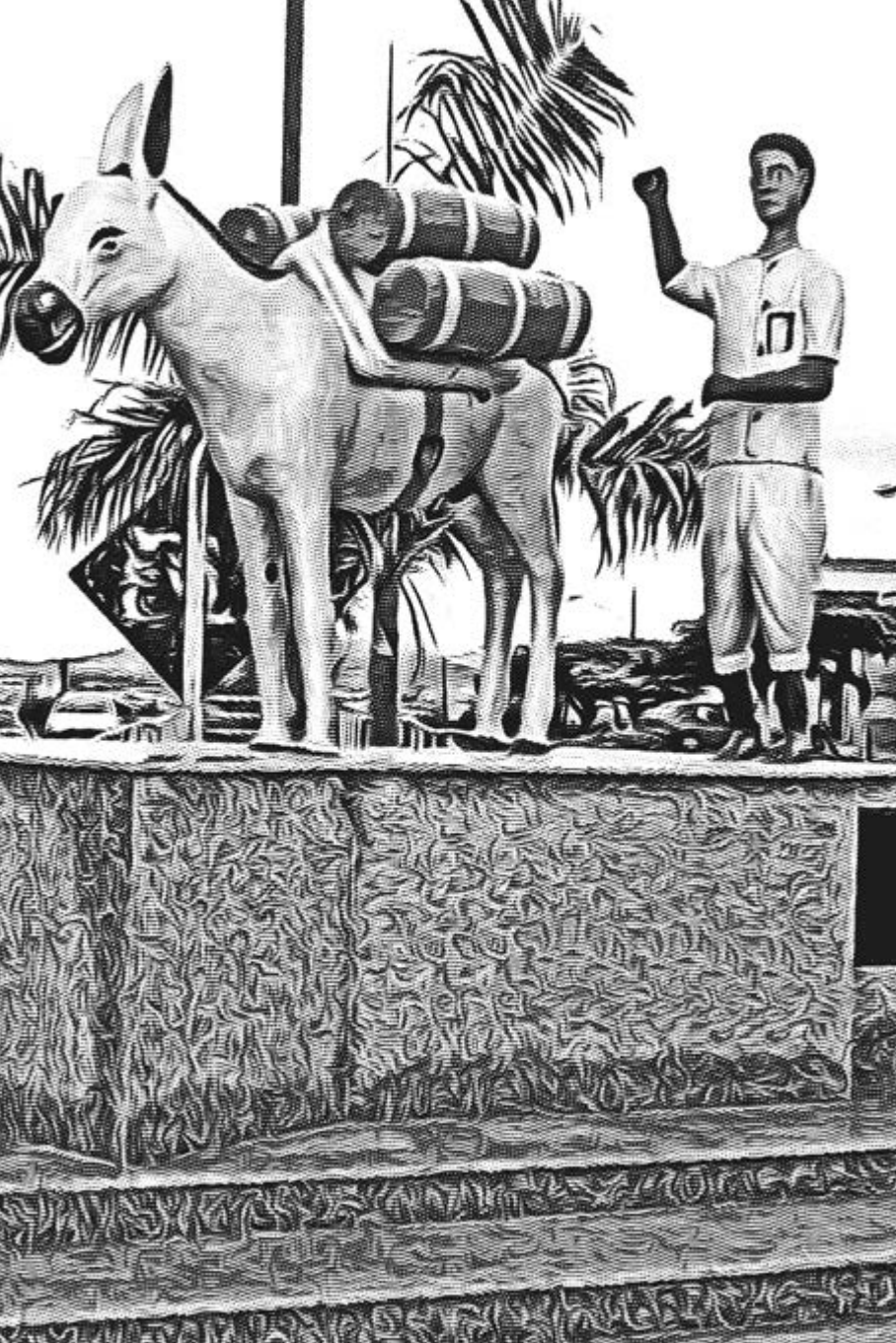
S



SOCIETATE MASCICAL
PROFESSOR MANDERLEY

SANTA LUZIA DO NORTE

O nome do lugar teve origem em um milagre atribuído a Santa Luzia: a recuperação da visão de um morador. A princípio, Santa Luzia de Siracusa, depois Outeiro, devido ao convento de São Bento que lá existia, em um outeiro, e finalmente, Santa Luzia do Norte, em alusão à lagoa Mundaú ou do Norte, que banha suas terras. A vila foi criada em 1830 e, em 1962, passou à categoria de cidade sede do município.



SANTANA DO IPANEMA

Ipanema é uma palavra de origem indígena, 'ypanema', e quer dizer água imprestável, ruim. A princípio, chamava-se o lugar de Santana do Panema, por estar situado à margem do rio Panema ou Ipanema, enquanto Santana é uma homenagem à santa mãe da Virgem Maria. Tornou-se vila em 1875 e, em 1949, foi elevada à condição de cidade. Sua origem está ligada à ação dos padres missionários no Nordeste.



SANTANA DO MUNDAÚ

A princípio, chamou-se Mundaú-Mirim. O nome do lugar aludia a dois acidentes geográficos de suas paragens: o rio Mundaú e o riacho Mirim. Com a instalação do município, em 1961, passou a se chamar Santana do Mundaú, homenageando também a santa padroeira de sua igreja, conhecida na iconografia católica como a mãe de Maria.



SÃO BRÁS

Dizem os moradores mais antigos que o lugar recebeu esse nome por determinação divina. Corre a lenda que uma imagem de São Brás teria sido encontrada por garotos na ilha de igual nome, próxima à comunidade. A imagem teria sido levada para a cidade e, misteriosamente, voltara para a ilha. O fato teria acontecido várias vezes, até a construção da matriz, que tem como padroeiro São Brás. A partir de então, a imagem não saiu mais de dentro do templo e, em 1947, o município foi oficializado com o mesmo nome.



SÃO JOSÉ DA LAJE

A princípio, o povoado se chamava de Laje do Canhoto, nome que se explica por ter-se formado ao lado de um lajedo, às margens do rio Canhoto. Em 1876, foi elevado à categoria de vila, com o título de São José da Laje e conservou esse nome quando, em 1886, o município foi criado. O nome de São José veio a propósito da doação de uma área da terra onde a povoação se formara, feita por José Vicente de Lima, ao patrimônio da igreja, para a difusão do catolicismo.



SÃO JOSÉ DA TAPERÁ

Data do início do século XX a conquista da terra que deu origem ao povoado. Aos poucos, os moradores foram levantando suas casas de taipa e formando a tapera ou aldeia. A feira pública deu um impulso ao lugar e Afonso Soares Vieira, comerciante e benfeitor do povoado, mandou construir uma capela em louvor a São José. Assim, em 1959, foi oficializado o município com o nome de São José da Tapera.



SÃO LUÍS DO QUITUNDE

Quando aldeia indígena, o local foi denominado pelos holandeses de Poço dos Veados, nome associado à presença desse animal em suas matas. Depois, o aglomerado humano foi-se expandindo com a presença dos engenhos: o Castanha Grande e, em seguida, o Quitunde. Em 1892, com a elevação à categoria de cidade, foi o município oficializado com o nome de São Luís do Quitunde. Conta-se que Luís é uma homenagem ao rei da França e Quitunde é uma referência ao núcleo inicial do engenho de igual nome. O vocábulo Quitunde é derivado de ‘condunde’, termo africano que denominava um peixe muito comum no rio Santo Antônio, que banha o município.



Biblioteca Municipal
Mons Ildebrando Guimaraes

SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

O lugar foi denominado de São Miguel em razão do rio de igual nome, que foi encontrado pelos portugueses em 29/09/1501, dia do arcanjo Miguel. Recebeu o acréscimo “dos Campos” por conta do vasto campo que seus desbravadores tiveram de percorrer para se comunicarem com os povoados mais próximos. Sua história está ligada à própria história do estado: ao combate aos holandeses, ao quilombo dos Palmares, às ações políticas do Império etc. Tornou-se vila em 1832 e, em 1864, foi elevado à categoria de cidade e de município. É a terra natal do barão de Sinimbu - João Lins Vieira Cansação de Sinimbu.



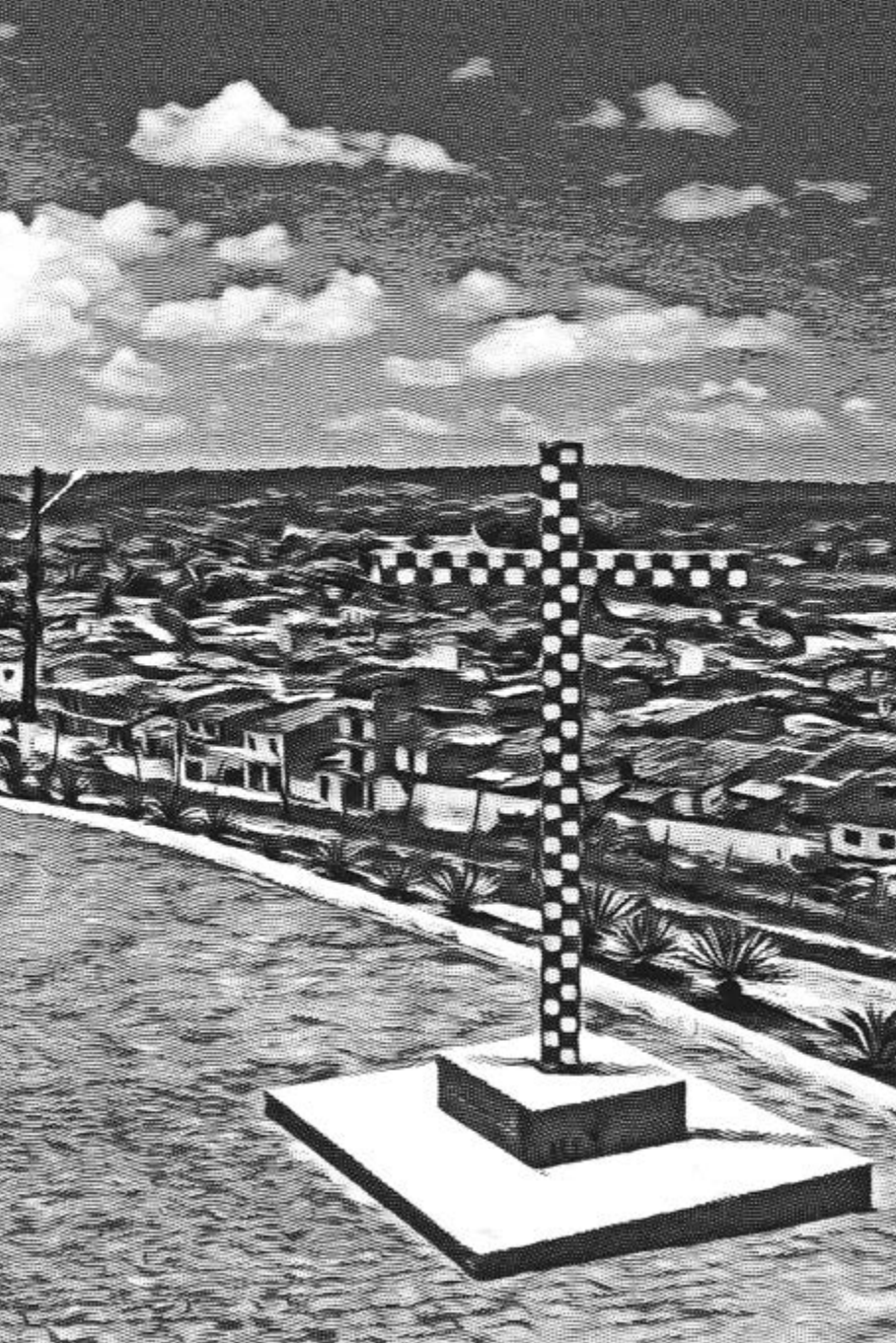
SÃO MIGUEL DOS MILAGRES

Quando povoado de Porto de Pedras, o lugar era conhecido por Freguesia de Nossa Senhora Mãe do Povo. Diz a tradição que certo pescador de saúde frágil encontrou na praia uma imagem de São Miguel, certamente procedente de algum navio português que naufragara. Depois de encontrar a imagem, o pescador obteve a cura para seus males. A notícia correu e o povoado passou a se chamar São Miguel dos Milagres, nome que conservou e foi oficializado em 1960, com a criação do município.



SÃO SEBASTIÃO

A princípio a denominação do município era Salomé – não pela personagem bíblica, mas pela junção de sal e mel, produtos que eram oferecidos por um obstinado pregoeiro no início do povoamento. Em 1960, por desejo da população, o nome foi mudado para São Sebastião. O município é o maior centro de renda de bilros de Alagoas.



SATUBA

A princípio conhecido por Carrapato, devido à presença desse inseto em suas matas, o povoado logo passou a ser chamado de Satuba, que se acredita ser uma corruptela de saúva ou saúba, espécie de formiga que muito incomodava os operários que abriam a trilha férrea da Great Western. Em 1960 tornou-se município. É a terra natal do compositor Heckel Tavares.



SENADOR RUI PALMEIRA

O povoado, depois vila, era conhecido por Rio Grande, devido à presença de um riacho que, nos invernos mais rigorosos, parecia um rio caudaloso. Em 1982, quando elevado à condição de cidade e sede do novo município, recebeu o nome de senador Rui Palmeira, conhecido político alagoano que atuou na metade do século XX.

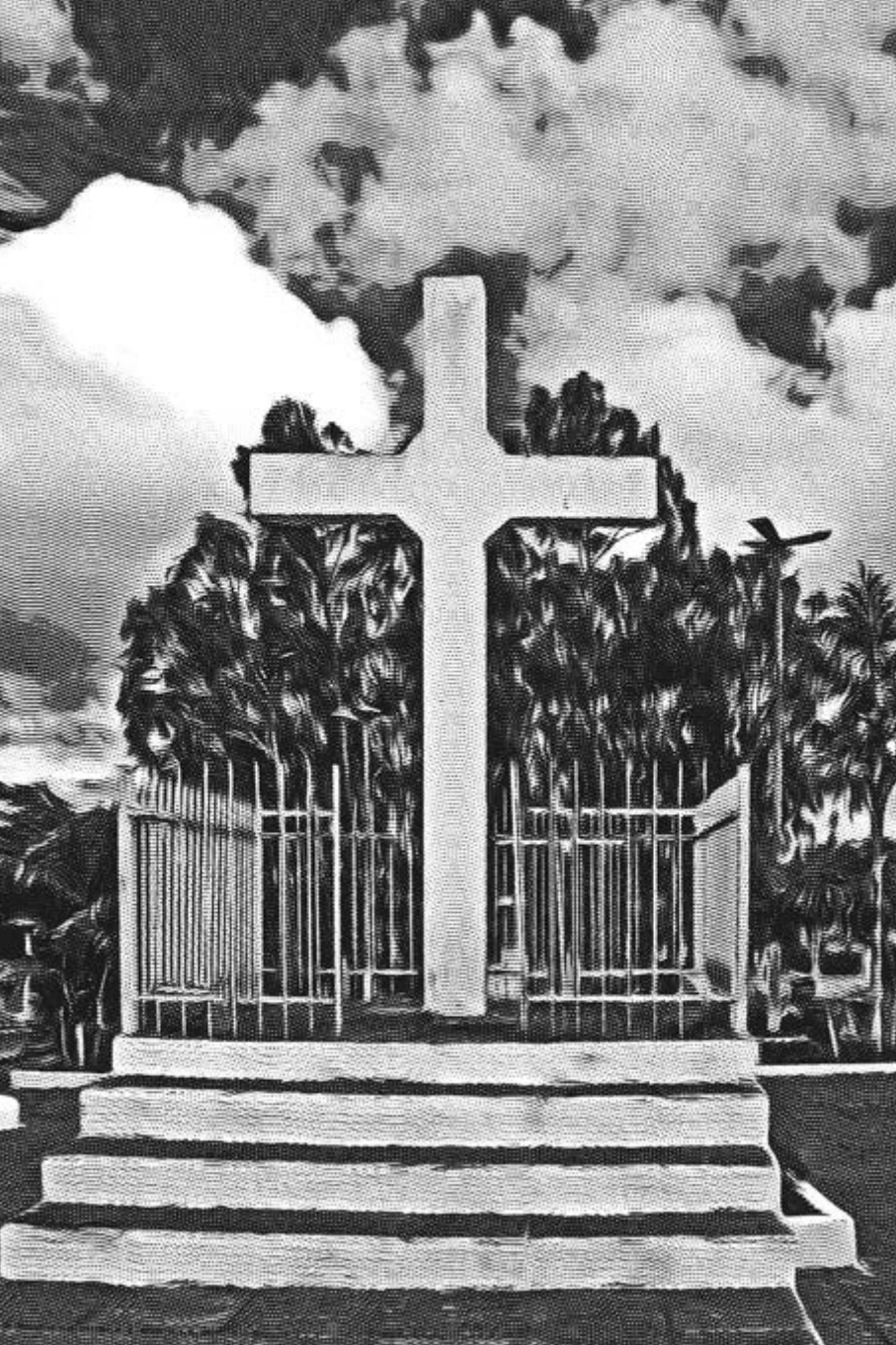


T



TANQUE D'ARCA

O lugar onde hoje é Tanque d'Arca, era um caminho muito usado pelos almocreves que paravam para descansar à sombra de um oitizeiro, ao lado de uma cacimba ou tanque natural. Correu a história de que um grupo de ciganos havia deixado nas proximidades uma arca com ouro, prata e objetos valiosos. A cobiça e a curiosidade atraíram os primeiros moradores do lugar. A arca nunca foi encontrada, mas o povo cresceu e consagrou sua lendária origem no nome do município, emancipado em 1963.



TAQUARANA

O povoamento começou na fazenda Cana Brava, alastrando-se pela redondeza. A fazenda tinha esse nome em virtude da grande quantidade da espécie vegetal na área. Também o nome do município, em 1962, foi dado a propósito do mesmo vegetal, também conhecido como “taquara”, “taboca” e “uruba”, planta da família das marantáceas.

BEM-VINDO
Teotônio
Vilela
TERRA DO MESTRE DAS ALAGUAS



TEOTÔNIO VILELA

O povoamento começou com o nome de Chá da Planta, depois vila São Jorge. Com a implantação da feira na área, passou a se chamar Feira Nova. Finalmente, em 1986, o município recebeu a denominação de Teotônio Vilela, em homenagem ao político alagoano que se tornou nome nacional, defendendo a liberdade democrática no país. Teotônio Brandão Vilela implantou, na área que é hoje município, a Usina Seresta, que assegurou a melhoria econômica da região.



TRAIPU

No tupi-guarani Traipu (itara – ipú) tem os seguintes significados: “fonte do morro, local de muito peixe e olho d’água do monte”. A princípio, o povoado era denominado Porto da Folha. Passou a ser chamado de Traipu a partir de 1870, em razão de ser próxima ao rio de igual nome. Foi elevada à categoria de cidade em 1892.



U



UNIÃO DOS PALMARES

O povoado surgiu no século XVII com o nome de Cerca Real dos Macacos, nome associado à presença de símios em suas matas. Depois, simplesmente, Macacos, por ter a população se fixado em torno do riacho de igual nome. Com a chegada da imagem de Santa Maria Madalena à igreja matriz, o lugar adotou, por pouco tempo, o nome da santa, passando depois, em 1831, a Vila da Imperatriz. Quando elevada à categoria de cidade, em 1890, passou a se chamar União, pois serviu de ponto de ligação entre os Estados de Alagoas e de Pernambuco. Finalmente, em razão de a República dos Palmares ter sido instalada na Serra da Barriga, o município, em 1944, adotou o atual nome de União dos Palmares. É a terra natal do poeta Jorge de Lima.



V



VIÇOSA

A origem do lugar é lendária: conta-se que um padre, indo celebrar a missa de Natal em um povoado, não conseguiu atravessar o riacho que estava muito cheio. Assim, em um outeiro, plantou um cruzeiro e ali mesmo celebrou a missa. O lugar passou a ser frequentado por romeiros e, aos poucos, começou a ser povoado, recebendo o nome de Riacho do Meio. Em 1831, foi elevado à condição de vila com o nome de Vila Nova de Assembleia e depois, Vila Viçosa, devido ao viço de suas matas. Em seguida, Assembleia e, em 1949, foi resgatado o nome de Viçosa. Nasceram em Viçosa o folclorista Théo Brandão, o cardeal primaz do Brasil Dom Avelar Brandão Vilela e o senador Teotônio Brandão Vilela.

QUEM NASCE EM...

Água Branca – Água-branquense
Anadia – Anadiense
Arapiraca – Arapiraquense
Atalaia – Atalaiense
Barra de Santo Antônio – Barrense
Barra de São Miguel – Barrense
Batalha – Batalhense
Belém – Belenense
Belo Monte – Belomontense
Boca da Mata – Bocamatense
Branquinha – Branquinhense
Campo Grande – Campo-grandense
Cacimbinhas – Cacimbense
Cajueiro – Cajueirense
Campestre – Campestrense
Campo Alegre – Campo-alegrense
Canapi – Canapiense
Capela – Capelense
Carneiros – Carneirense
Chá Preta – Chá-pretense
Coité do Nóia – Coiteense
Colônia Leopoldina – Leopoldinense
Coqueiro Seco – Coqueirense
Coruripe – Coruripense
Craíbas – Craibense
Delmiro Gouveia – Delmirense
Dois Riachos – Dois-riachense
Estrela de Alagoas – Estrelense

Feira Grande – Feira-grandense
Feliz Deserto – Feliz-desertense
Flexeiras – Flexeirense
Girau de Ponciano – Girauense
Ibateguara – Ibateguarense
Igaci – Igaciense
Igreja Nova – Igreja-novense
Inhapi – Inhapiense
Jacaré dos Homens – Jacareense
Jacuípe – Jacuipense
Japaratinga – Japaratinguense
Jaramataia – Jaramataiense
Jequiá da Praia – Jequiaense
Joaquim Gomes – Joaquinense
Jundiá – Jundiaense
Junqueiro – Junqueirense
Lagoa da Canoa – Canoense
Limoeiro de Anadia – Limoeirense
Maceió – Maccioense
Major Izidoro – Izidorense
Maragogi – Maragogiense
Maravilha – Maravilhense
Marechal Deodoro – Deodoreense
Maribondo – Maribondense
Mar Vermelho – Mar-vermelhense
Mata Grande – Mata-grandense
Matriz do Camaragibe – Camaragibano
Messias – Messiense

Minador do Negrão – Minadoreense/Minador-negrãoense
Monteirópolis – Monteiropolitano/Monteiropolense
Murici – Muriciense
Novo Lino – Novo-linense
Olho d'Água do Casado – Olho-d'aguense
Olho d'Água das Flores – Olho-d'aguense
Olho d'Água Grande – Olho-grandense
Oliveira – Oliventino
Ouro Branco – Ouro-branquense
Palestina – Palestinense
Palmeira dos Índios – Palmeireense
Pão-de-Açúcar – Pão-de-açucareense
Pariconha – Pariconhense
Paripueira – Paripueireense
Passo do Camaragibe – Camaragibano/Passo-camaragibense
Paulo Jacinto – Paulojacintense
Penedo – Penedense
Piaçabuçu – Piaçabuense
Pilar – Pilareense
Pindoba – Pindobense
Piranhas – Piranhense
Poço das Trincheiras – Pocense/Poço-trincheireense
Porto Calvo – Portocalvense
Porto de Pedras – Portopedrense
Porto Real do Colégio – Colegiense
Quebrangulo – Quebrangulense
Rio Largo – Riolarguense
Roteiro – Roteireense

Santa Luzia do Norte – Santa-luzia-do-nortense/Santa-luziense
Santana do Ipanema – Santanense
Santana do Mundaú – Santanense
São Brás – São-brasense
São José da Laje – Lajense
São José da Tapera – Taperense/São-joseense
São Luiz do Quitunde – Quitundense
São Miguel dos Campos – Miguelense/São-miguelense
São Miguel dos Milagres – Milagrense/São-miguelense
São Sebastião – Sebastianense
Satuba – Satubense
Senador Rui Palmeira – Rui-palmeirense
Tanque d’Arca – Tanque-d’arquense
Taquarana – Taquaranense
Teotônio Vilela – Vilelense
Traipu – Traipuense
União dos Palmares – Palmarino/União-palmareense
Viçosa - Viçosense

ALAGOAS - BREVE HISTÓRICO

Entre 1534 e 1536, D. João III dividiu o território brasileiro em capitanias hereditárias e nomeou representantes da coroa portuguesa para administrá-las. O Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494 pela Espanha e por Portugal, limitava o novo território a oeste; a leste, o limite era o oceano. O modelo de colonização adotado fatiou o novo país em lotes distribuídos entre 12 fidalgos. A Capitania de Pernambuco tinha 60 léguas e belas lagoas ao sul.

Com a invasão holandesa de 1630, que se prolongou até 1654, um sentimento de identidade cultural uniu a população que vivia na região. Houve resistência contra os holandeses, mas também contra os portugueses. Um personagem foi símbolo desse período: Domingos Fernandes Calabar. Os portugueses não aceitaram o que consideraram uma traição e executaram Calabar em 1635, num episódio ainda controverso da história do Brasil.

O desenvolvimento econômico e demográfico da região sul da Capitania de Pernambuco levou a coroa portuguesa a conceder a emancipação política da Comarca de Alagoas logo após a Revolução

Pernambucana de 1817. Em 16 de setembro de 1817, surgiu a Capitania das Alagoas, sendo sede do governo a Vila das Alagoas, hoje Marechal Deodoro. Tomou posse como primeiro governador, Sebastião Francisco de Melo e Póvoas, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 22 de janeiro de 1819.

Em abril de 1838, assumiu o governo da província, Agostinho da Silva Neves, que imprimiu ordem à política local, regularizou as finanças e, em 1839, promoveu a transferência da capital para Maceió. A população da Vila das Alagoas resistiu. Silva Neves renunciou e, em seu lugar, assumiu Tavares Bastos. Não demorou, o governo de Bastos, pois o depósito seguiu para Maceió e solicitou tropas de Pernambuco e da Bahia para garantir a ordem pública. Assim, em 9 de dezembro de 1839, foi sancionada a resolução legislativa número 11, que transferiu, definitivamente, a capital para Maceió.

Alagoas prosperou e gerou filhos ilustres. Em 1889, o alagoano Marechal Deodoro da Fonseca liderou um movimento nacional contra a monarquia e proclamou a República, consolidada por outro

alagoano, Marechal Floriano Peixoto, que o sucedeu, na presidência da República Brasileira.

Com a República, a Constituição do estado de Alagoas foi promulgada em 11 de junho de 1891. No dia seguinte, cuidou-se da eleição, que deu a vitória a Pedro Paulino da Fonseca, primeiro governador republicano de Alagoas.

PALMARES

A revolta do Quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, no agreste de Alagoas, é considerada um dos mais importantes movimentos de resistência popular da história brasileira – tanto pela forma de organização, como pelo tempo que passou desafiando a coroa portuguesa contra o jugo da sua escravidão.

Alguns historiadores afirmam que Palmares durou quase um século, tendo uma população estimada entre 20 mil e 30 mil pessoas, em sua maioria composta por negros do grupo étnico banto, mas também formada de índios, mamelucos e brancos marginais e fugitivos.

O primeiro líder do movimento, Ganga Zumba, foi expulso do local por ter aceitado uma proposta de paz oferecida pelos portugueses. O acordo foi assinado em 5 de novembro de 1678. Dois anos depois, Ganga Zumba foi assassinado. Zumbi assumiu o comando dos Palmares e transformou o local numa fortaleza.

Os proprietários de terras se viam cada vez mais ameaçados pelo poder dos rebelados e

pediram providências. Com a expulsão definitiva dos holandeses de Pernambuco, em 1654, os portugueses elegeram como novo alvo a chamada República dos Palmares. Assim, em 1655, Brás da Rocha organizou uma expedição contra os quilombolas, mas não foi bem-sucedido.

Partiu o Governo para uma ofensiva mais contundente. Para isso, contratou Domingos Jorge Velho, conhecido perseguidor de negros fugitivos e exterminador de índios. De Pernambuco, veio Bernardo Vieira de Melo. Depois de várias investidas, os quilombolas foram vencidos no dia 6 de fevereiro de 1694. Zumbi conseguiu fugir, mas foi encontrado e morto no dia 20 de novembro de 1695.

Seu legado motivou outros movimentos de resistência e consolidou o que é hoje chamado de Consciência Negra.

ALAGOAS EM DADOS

Localização	Leste da região Nordeste
Sigla	AL
Área do Estado (IBGE-2021)	27.830.661 Km ²
Capital	Maceió
Área da Capital (IBGE-2021)	509.320 Km ²
Limites	Pernambuco (N e NO); Sergipe (S); Bahia (SO); e Oceano Atlântico (L)
Relevo	Planície litorânea, Planalto (Norte) e Depressão (Centro)
Vegetação	Floresta tropical, mangues litorâneos e caatinga
População Estimada (IBGE-2021)	3.365.351 habitantes
População da Capital Estimada (IBGE-2021)	1.031.597 habitantes
Gentílico	Alagoano
Densidade Populacional (IBGE-2010)	112.33 hab/Km ²
Municípios	102
Rios Principais	São Francisco, Mundaú e Paraíba do meio
Clima	Tropical
Litoral	230 Km

Temperatura Média Anual	24° C
Cidades mais Populosas	Maceió (1.031.597 hab.); Arapiraca (234.309 hab.); Palmeira dos Índios (73.452 hab.); União dos Palmares (65.963 hab.); Rio Largo (75.662 hab.)
Distância de Maceió às principais cidades:	Arapiraca (Agreste): 126km; Penedo (Baixo São Francisco): 163km; Delmiro Gouveia (Sertão): 285km; Maragogi (Litoral Norte): 128km

PESQUISA E TEXTO

Cármem Lúcia Dantas - Museóloga, mestra em Literatura Brasileira e professora aposentada da Ufal. Atua nas áreas de museologia e consultoria cultural e pesquisa sobre Alagoas. Tem livros publicados sobre Cultura Popular, Patrimônio Histórico e Artístico e Artes Plásticas.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. ABC das Alagoas: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico de Alagoas. 2v. (Edições do Senado Federal, v. 62 B) Brasília: Senado Federal/ Conselho Editorial, 2005.

Enciclopédia dos Municípios Alagoanos. Carlos Alberto Pinheiro Mendonça: Instituto Arnon de Mello. Coord. Leonardo Simões. Maceió: Núcleo de Projetos Especiais, 2012.

MARROQUIM, Adalberto. Terra das Alagoas. Roma: Editori Maglione & Strini, 1922



Secretaria de Estado
da Comunicação



ALAGOAS
GOVERNO